

O HOMEM PRIMITIVO E A SUA CIÊNCIA: RELIGIÃO, MAGIA E OS FENÔMENOS NATURAIS NA ANTROPOLOGIA CLÁSSICA

Luiz Davi Vieira Gonçalves¹
Maryelle Inácia Morais Ferreira²

RESUMO

Este artigo tem por pretensão, dialogar as teorias marcantes dos autores clássicos da antropologia, em reposta à ambivalência do pensamento dos povos ditos “primitivos” percebida inicialmente em Malinowisk. O autor parte do pressuposto que o homem primitivo acredita que magia e natureza estão ao mesmo tempo lhe subsidiando em seu dia-a-dia. Ou seja, ele não é somente Bruxaria, Mito e Magia, o homem também vale de sua racionalidade; assim, entende-se que os dois conhecimentos são intrínsecos à vida do povo primitivo. Mostraremos como outros autores precípuos da antropologia intensificaram tais pressupostos, afim de provar uma qualidade racional na vida social e mística dos povos “primitivos”.

Palavras-chave: Antropologia clássica, magia, ciência

Na sua relação com a natureza e o destino,
quer tente tirar partido da primeira, quer
esquivar-se ao segundo, o homem
primitivo admite tanto as forças e
atividades naturais como as sobrenaturais
e procura usar ambas em seu próprio
benefício.

*Bronislaw Malinowski in Magia, Ciência e
Religião*

Tendo como referência a epigrafe acima, vale destacar que no ensaio intitulado de *Magia, Ciência e Religião* (1984), Bronislaw Malinowski nos conduz ao entendimento sobre os domínios dos povos primitivos ao Sagrado e Profano, o domínio da Magia, o domínio da Religião e o da Ciência pelo povo primitivo. O autor inicia seu ensaio com a seguinte frase:

¹ Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Líder do Diretório de Pesquisa Tabihuni CNPQ/UEA. Membro do Instituto de Ciência e Tecnologia Brasil Plural-Manaus. Membro do grupo de Pesquisa Maracá. E-mail: luizdavipesquisa@hotmail.com

² Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidades e interseccionalidades-GESECS. marymoraisantropo@gmail.com.

Não existem povos, por mais primitivos que sejam, sem religião nem magia, demonstrando ao leitor sua inquietação de não eliminar o conhecimento empírico dos povos primitivos. Mais a diante o autor também destaca o conhecimento científico:

De um lado, encontram-se os atos e as práticas tradicionais, que os nativos consideram sagradas [...] De outro, basta um momento de reflexão para vermos que nenhuma arte ou ofício, por mais primitivo que seja, poderia ter sido inventado ou preservado [...] sem ter sido empreendida sem observação cuidada do processo natural e uma firme convicção na sua regularidade [...] sem rudimentos da ciência. (MALINOSWKI, 1984, p. 3)

Sendo assim, logo nos abre campo para uma reflexão; como o povo primitivo desenvolve a relação com a natureza (fenômenos naturais) e o destino (acidente, morte etc.) juntos as atividades sobrenaturais (rituais, crenças, magias)?

Segundo Malinoswki, neste artigo lançado como provocador deste trabalho, o homem dito “primitivo” acredita que magia e natureza estão ao mesmo tempo lhe subsidiando em seu dia-a-dia. Ou seja, ele não é somente Bruxaria, Mito e Magia, suas experiências valem de uma certa racionalidade; assim, entende-se que os dois conhecimentos estão intrínsecos à vida do povo “primitivo”.

No entanto, este questionamento nos conduzirá ao longo deste ensaio, tendo como objetivo a compreensão, em notas preliminares, do natural e o sobrenatural diante do pensamento do povo “primitivo”. Para tal proposta, trarei à baila para dialogar com Malinoswki os seguintes autores: Evans-Pritchard com a obra *Bruxaria Oráculos e Magia entre os Azande* (2005), Marchel Maus com *Uma Categoria do Espírito Humano: a noção de pessoa, a de “Eu”* (2003), Emile Durkeim inaugurando a Escola Francesa de Antropologia e por fim, mas não menos importante, Claude Levi-Strauss com sua contribuição ao entendimento sobre Totemismo na obra *O Pensamento Selvagem* (1989).

O primeiro autor que trago à discussão é Edward Evan Evans-Pritchard, antropólogo Inglês que viveu no período de 1902 até 1973, ocupando um importante papel no desenvolvimento da antropologia Social com sua pesquisa sobre os Azande; povo da região do alto do Rio Nilo, foi autor de obras como: *Os Nuer: Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota* e *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande* (1978), entre outras.

Em *Bruxaria Oráculos e Magia*, Evans-Pritchard discorrerá um pouco sobre como é a bruxaria e a magia para os povos Azande. O autor traz um texto etnográfico sobre como

acontece os atos mágicos e o que ela representa para esses povos. Sua intenção esteve entorno de estudar a bruxaria para compreender a mentalidade primitiva.

A bruxaria é tratada pelos Azande como algo biológico, como se fosse uma substância dentro do corpo que poderá ser transmitida geneticamente. Entretanto, para Evans-Pritchard sua importância é totalmente social, pois ela pode ser o limiar da organização social. Os Azande convivem com a bruxaria, mas a temem o tempo todo, estão sempre consultando oráculos para saber se alguém recebeu uma bruxaria. Na maioria das vezes atrelam doenças e mortes ao efeito de bruxarias e por isso consultam os oráculos para fazerem vingança.

Segundo o autor, o interesse dos Azande por bruxaria é apenas quando alguém está sofrendo de algo ou morrendo, ela não é algo permanente. Isto quer dizer que, a bruxaria é um apelo secundário, os nativos Azande convivem com ela bem como convivem com o cuidado e esforço diário e com as regras morais a serem desempenhadas. Para os Azande a bruxaria não é a única causa dos fenômenos, ela põe o homem em relação com os eventos de uma maneira que o faz sofrer. Entretanto, eles a usam para explicar razões particulares, e mesmo estando sempre preocupados com a bruxaria e procurando a causa de determinado efeito, eles acreditam também nas causas naturais e em outras diversas causas. De acordo com Evans-Pritchard, a bruxaria consiste no fato socialmente substancial porque influi no comportamento social, e seria isto o que o autor chama de aspecto racional do conhecimento Azande sobre bruxaria. Sempre que alguém adocece ou morre poderá ser bruxaria, mas não deve ser excluído os fatores morais – quebra de tabus, adultérios, pecados, crime, preguiça, incompetência.

Desse modo, vemos que a bruxaria tem sua própria lógica, suas próprias regras de pensamento, e que estas não excluem a causalidade natural. A crença na bruxaria é bastante consistente com a responsabilidade humana e com uma apreciação racional da natureza. Antes de mais nada, um homem deve desempenhar qualquer atividade conforme as regras técnicas tradicionais, que consistem no conhecimento testado por ensaio e erro a cada geração. É apenas quando ele fracassa, apesar de sua adesão a essas regras, que vai imputar a sua falta de sucesso à bruxaria. (EVANS-PRITCHARD,, 1978, p.49).

Segundo Evans-Pritchard, a bruxaria desempenha um papel em todas as atividades da vida Azande, nas regras da moral, na religião, no trabalho, na vida doméstica, na agricultura. Mas percebe-se que a bruxaria está no cerne da organização social, estando sempre em relação com os fenômenos naturais e conhecimentos e técnicas tradicionais. Os Azande permeiam essa relação daquilo que é fenômeno natural e o que é fenômeno sobrenatural.

A bruxaria remete vingança e simboliza o antagonismo entre os homens. Ela é algo individualizado, porém impessoal, quando consultados sobre um infortuno os oráculos apenas

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, Ano 8, Ed. 19, Jan./Jun., 2015

respondem se é ou não bruxaria. A partir daí uma nova bruxaria será lançada aleatoriamente a fim de atingir outra pessoa.

A visão funcionalista de Evans-Pritchard está em perceber a bruxaria e a magia como algo que dê suporte a estrutura social. Para o autor a bruxaria consiste na apreciação racional da natureza. E levanta a questão se a racionalidade para os povos primitivos é a separação entre o que é natural e o que é sobrenatural.

Os Azande certamente não possuem tais noções a respeito da realidade. Eles não têm uma concepção da “natural” tal como nós o entendemos, e, por conseguinte, tampouco do “sobrenatural” tal como nós o entendemos. A bruxaria representa para os Azande um evento que, embora talvez infrequente, é ordinário, e não extraordinário. É um acontecimento normal, e não anormal. Mas embora não atribuam a natural e sobrenatural os significados que os europeus cultos concedem a essas noções, distinguem os dois domínios. (EVANS-PRITCHARD, 1978, p.60)

O objetivo de Evans-Pritchard foi investigar a mentalidade primitiva através da magia e da bruxaria inaugurando a antropologia do outro. Assim, conseqüentemente, o autor acaba equiparando a magia ao patamar científico, opondo-se aos teóricos evolucionistas que a tinha como uma forma de religião atrasada. Outro ponto importante que ele levanta, é a dificuldade de encontrar nos discursos dos nativos uma teoria sobre suas crenças. Houve por parte dele um esforço de interpretá-los, pois apesar de reconhecerem a magia e a bruxaria, apesar de distinguirem coisas naturais de sobrenaturais, apesar de possuírem regras e técnicas sobre elas; elas não são doutrinárias a seu respeito. Sendo assim, abrirei a reflexão sobre a noção de pessoa para entendermos como este “sujeito” pode ser interpretado por uma série de caminhos e significados, a pessoa como fato moral, a pessoa Cristã, a pessoa ser psicológico, a pessoa propriedade entre outros e, conseqüentemente perceber como o campo sobrenatural se presencia no “sujeito”.

Nesta etapa do trabalho aqui realizado, venho destacar a quinta parte do livro *Antropologia e Sociologia* (2003) de Marcel Mauss intitulado de *Uma Categoria do Espírito Humano: A noção de pessoa, a de “Eu”*, com o objetivo de trazer à discussão o quanto a noção de indivíduo pode ser encontrada com várias reflexões sobre sua conduta e presença dentro da problemática levantada no início do texto.

Logo na abertura do capítulo, o autor inicia com o tema: o *Sujeito e a Pessoa*, oferecendo ao leitor um catálogo das formas que a noção adquiriu em diversos pontos, mostra em que maneira ela acabou por ganhar corpo, matéria, forma e arestas.

Segundo Mauss, é evidente que nunca houve ser humano que não tenha tido o senso, não apenas de seu corpo, mas também de sua individualidade espiritual e corporal ao mesmo tempo. Percebe-se logo neste início que o autor pretende discutir a série de formas que a percepção do “*Eu*” assumiu na vida dos homens, ou seja, das sociedades, dos seus direitos, suas estruturas sociais e suas mentalidades.

Com essa premissa, ao estudar os índios *Pueblos* de Zuni, Marcel Mauss evidencia o personagem e o lugar da pessoa destacando dois pontos: o primeiro a existência de um número determinado de pronomes por clã, e o segundo, a definição do papel exato que cada um desempenha na figuração do clã. Ou seja, o clã é concebido por um certo número de pessoas, que segundo Mauss são os personagens; sendo que o papel de todos esses personagens é realmente figurar cada sujeito por sua parte, assim, a totalidade prefigurada do clã.

Faz-se pertinente trazer à baila, a noção de propriedade, que segundo Mauss, é considerar que a vida dos indivíduos assegura não apenas a vida das coisas e dos deuses, mas a propriedade das coisas. Em seu clã, o sujeito é destacado no cerimonial pela máscara, por seu título, sua posição, seu papel, ou seja, sua propriedade.

Por conseguinte, o autor traz dois exemplos: Os *Kwakiutl* do Noroeste Americano e os dois povos *Arunta* e *Loritja* da Austrália. No primeiro, vê-se nitidamente como, a partir das classes e dos clãs, ordenam-se as pessoas humanas; é religioso e ao mesmo tempo cósmico, mitológico, social e pessoal. Segundo o texto do Mauss, todo indivíduo em cada clã tem um nome para cada estação: profano (verão) e sagrado (inverno). No entanto, o que está em jogo é a autoridade, que é a existência dos antepassados que revivem no corpo dos que carregam seus nomes, sua perpetuidade e a garantia pelo ritual em todas as suas fases. Por fim, a forma de escolhas dos nomes se dá com a ligação com os antepassados reencarnados. O segundo exemplo, o aspecto do homem é o fruto das reencarnações dos espíritos dispersos e que renascem no clã na terceira e quinta geração de sua morte. Segundo Mauss, a arte de todas essas repartições é não apenas culminar na religião, mas também definir a oposição do indivíduo em seus direitos, seu lugar, tanto na tribo quanto nos ritos. Portanto, observa-se nestes exemplos que a sociedade chegou à noção de personagem, de papel cumprido pelo indivíduo em dramas sagrados e o mesmo tempo ele desempenha um papel na vida familiar. Ao definir a noção de pessoa no item quatro deste texto, o autor diz o seguinte: *Pessoa é mais do que um elemento de organização, mais do que um nome ou o direito a um personagem: é uma máscara ritual; ela é um fato fundamental de direito* (2003, p. 388).

Após a reflexão aqui lançada com os alfarrábios de Marchel Mauss sobre a *Noção de Pessoa* e o entendimento desta multiplicidade do “*Eu*”, trago como continuidade ao caminho proposto para este trabalho a proposta de voltamos ao tema do fenômeno religioso com base nos estudos do sociólogo David Émile Durkheim, especificamente com a obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1989).

Durkheim inaugura a escola francesa de antropologia com no desejo de estudar a religião, seu objetivo girou entorno de encontrar teorias gerias. Sua tarefa persistia em investigar o papel da religião na sociedade considerando sua função de manter a unidade do grupo. Ele analisava os dados etnográficos já publicados para tentar encontrar elementos universais no pensamento humano, não deixando de evidenciar as singularidades de cada sociedade em relação a religião.

Durkheim acredita que para explicar o fenômeno religioso concernente do espírito humano é necessário apreender a forma mais elementar de religiosidade. Ainda debruçado na linguagem sociológica, ele buscou caracterizar o fenômeno religioso como algo eminentemente social, para entender profundamente a composição de seu mecanismo de funcionamento. Por conseguinte, para abordar a teoria do conhecimento humano, a religião escolhida fora o Totemismo, como sendo a forma mais simples de expressão religiosa.

Ao contrário de Morgan que via o totemismo como algo solidário a organização social, Durkheim pretende mostrar exatamente a lógica social que este mecanismo sustenta. Identificou vários problemas na análise da religião por não haver um olhar sociológico. Segundo o autor, Frazer conseguiu iniciar esta proposta, mas não seguiu adiante, e por isso ele pretendia tratar a religião como fato social. Para compreender a religião como fato social, Durkheim escolheu as sociedades Australianas como sendo a forma de organização social mais coesa, que expressaria mais claramente sua organização.

O totemismo é repleto de denominações totêmicas. Assim como ele classifica os elementos da natureza ele classifica também a sociedade. Deste modo, a classificação é organizada em clãs, que são grupos unidos por laços de parentesco. Cada clã possui um animal ou planta que o representa, este é o totem. Em seguida, vem as fratrias, que é uma dupla divisão em que estão contidos os clãs, cada fratria possui seu totem remetendo a uma subordinação de fatria sobre clã e dos totens.

Durkheim também trouxe uma comparação com o totemismo das tribos Americanas, e segundo ele, a diferença consistia que as organizações totêmicas Americanas eram mais estáveis, enquanto que as Australianas eram mais fragmentadas.

Os totens são emblemáticos, possuem representações através de desenhos, figuras expostas em objetos, corpos e nos lugares. Os emblemas são expressos nos ritos e cerimônias para dar significação a crença religiosa. A partir da denominação religiosa dos totens é que as coisas são determinadas como sagradas ou profanas. Portanto, a representação religiosa é emitida através dos totens.

Os totens possuem papéis profanos e sagrados. O papel profano é servir de alimento ao seu clã, e o papel sagrado se reconhece pelo fato de ser proibido comê-los. Em casos de refeições místicas, o tabu é banido.

O totemismo além de propiciar uma divisão de classes entre o grupo, criar restrições para cada classe, ele também estabelece identidade social aos homens. Pois o membro daquele determinado clã carrega em seu nome, o nome do animal ou da planta. Não obstante, há uma relação de parentesco do homem com o totem, existem mitos que deem explicações sobre essa relação.

Vê-se que o totemismo é tido por Durkheim como uma forma específica de religiosidade, mas mesmo assim, ele representa a capacidade dos humanos em criar regras sociais e crenças religiosas. Bem como existe o totemismo para as tribos Australianas e Americanas, há uma mesma forma de pensamento para qualquer outra sociedade, porém com uma configuração religiosa diferente. De acordo com as análises, o totemismo além de ser um conhecimento religioso ele promove uma lógica social, na qual os homens a convivem e obedecem.

Voltando ao projeto de texto, agora com mais informações, percebe-se que a ideia de Malinowski sobre o homem primitivo como ser natural e sobrenatural ao mesmo tempo, foi também refletida por outros autores ao longo do desenvolvimento da antropologia. No entanto, nos tempos atuais percebemos que o assunto se afunila cada vez mais com o objetivo de entender o específico de cada região, grupo, clã, sub clã e até mesmo, pode acontecer o estudo de um indivíduo. Como relatado pelo professor em sala de aula: “*Segundo Levi-Strauss a antropologia está de cabeça para baixo*”. E é neste autor que darei continuidade ao entendimento da legitimidade ao pensamento dos povos “primitivos”.

Como um seguimento da linha teórica de Durkheim, Claude Lévi-Strauss (1908 – 2009) também pode ser citado como o antropólogo que procurou respostas mais genéricas sobre o pensamento humano. Ao escrever *O Pensamento Selvagem*, o autor deu sua contribuição ao Totemismo. Sua proposta consistiu em identificar a lógica classificatória tendo-a como uma categoria do pensamento humano, e não entender a relação entre um clã e seu totem. Assim ele

dirá que as diferenças expressas na natureza servem para diferenciar o mundo social. Segundo o autor, é porque os homens classificam e criam conhecimento das coisas externas que eles classificam e estratificam a si mesmos.

O totemismo para Lévi-Strauss explica nada mais que a relação entre o homem e a natureza, ou seja, a relação entre natureza e cultura. Assim, nesta perspectiva, ele dirá que a natureza está na capacidade humana de classificar as coisas, e a cultura seria o modo como cada um a faz. Lévi-Strauss pretendia dar uma explicação dualista para o pensamento humano, dizer que é intrínseco dos homens classificarem e definir categorias às coisas. Isso faz parte de sua natureza. É aqui se segue a vertente estruturalista de Lévi-Strauss, que consiste em identificar o pensamento humano como algo dualista, separado por pares como, natureza e cultura, universal e particular, etc.

Toda essa lógica classificatória natural do homem, está no plano da mente humana, naquilo que ele chamou de inconsciente. Nesse sentido, para dar voz conhecimento primitivo, Lévi-Strauss alega que não há formas de conhecimentos inferiores, pois toda forma de conhecimento tem uma necessidade lógica, é natural do pensamento humano classificar as coisas, e por isso a lógica classificatória poderá ser encontrada tanto no pensamento “primitivo” quanto no pensamento “moderno”.

Após afirmar essa condição de natureza que o homem convive – de conhecer e classificar logicamente as coisas – o autor aborda a perspectiva cultural. Então, ele coloca em fundo de análise o pensamento primitivo e o pensamento científico. Na comparação de ambos, ele afirma que ambos possuem uma lógica e uma forma de racionalidade, portanto, ambos podem ser considerados uma forma de ciência. O pensamento primitivo é intitulado como o pensamento mítico, pois sua forma de lógica está ligada aos mitos e aos significados.

O autor traz uma analogia para entender o pensamento mítico, ele o compara ao *Bricolage*, a arte e ao jogo. O pensamento mítico, assim como a arte e o *Bricolage* constroem suas coisas a partir de um arsenal de signos já estabelecidos, assim é o conhecimento mítico, o que Lévi-Strauss nomeou como ciência do concreto. Ele pega signos que estão a sua volta e constroem seus conceitos. O operador natural opera tanto no pensamento mais concreto quanto no pensamento mais abstrato. É aqui que começa, para o autor, a diferença do pensamento dos povos “selvagens” e o pensamento científico. Os povos “selvagens” construiriam seus conceitos, mas a partir de características sensíveis, sendo, portanto, seus pensamentos mais concretos; enquanto o pensamento científico se basearia em conceitos mais abstratos. A bricolagem é uma maneira de criar ou reorganizar as coisas a partir de um inventário já

estabelecido, ela também não subordina suas tarefas a obtenção de matéria prima, melhor dizendo, a utensílios de necessidades orgânicas.

Este ponto é importante elucidar, pois tanto o pensamento mítico quanto o pensamento científico não existe em função das necessidades funcionais do corpo humano. A natureza do pensamento humano consiste em conhecer as coisas que estão a sua volta. E assim é o totemismo, que classifica tudo que está a sua volta, mesmo que não tenha uma utilidade. O pensamento científico também o faz dessa maneira: não criamos coisas para suprir nossas necessidades, criamos coisas e em seguida criamos a possibilidade de consumo.

Todo o debate de Lévi-Strauss para dar legitimidade ao pensamento dos povos “primitivos” está entorno da relação natureza e cultura. É perceptivo até mesmo em “*As Estruturas Elementares do Parentesco*” que para Lévi-Strauss não existe o estado de selvagem do homem – estado pré-cultural. Por isso, seria errôneo relacionar o pensamento mítico ao estado de natureza, em razão de que só conhecemos o homem em seu estágio de cultura. A natureza está apenas no espírito humano, no seu exercício de criar regras culturais. Nesse sentido, a proibição do incesto é a passagem da natureza para cultura, uma vez que sendo uma regra social faz do homem individual um ser social. No entendimento mais conciso do pensamento humano, os preceitos naturais do homem estão na sua capacidade de criar o incesto ou, como foi dito, pensado e debatido em sala de aula; de classificar as coisas, isto seria sua referência natural. Já as diferentes manifestações do parentesco é a forma singular que cada sociedade configura sua regra. Por fim, a ideia das condições humanas, de natureza à cultura que resulta na teoria dualista de Lévi-Strauss, onde para o conhecimento humano projetar vida social é necessário, dois elementos.

CONCLUSÃO

Para concluir este trabalho, entreverei-me em fazer uma reflexão sobre o entendimento do pensamento primitivo e um processo criativo em Arte, especificamente relacionando a obra do Levi-Straus com o *Bricolage* e duas linguagens artísticas; a Música contemporânea de Hermeto Pascoal, e o Teatro com as criações performáticas de Robert Wilson (Bob Wilson).

Para tal atrevimento, volto ao questionamento feito no início que dizia: Como o povo primitivo desenvolve a relação com a natureza (fenômenos naturais) e o destino (acidente, morte etc.) junto as atividades sobrenaturais (rituais, crenças, magias)? Em suma, detalhamos

que Malinowki não separa o natural do sobrenatural para o entendimento do povo primitivo, logo Evans-Pritchard ao estudar a Magia e a Bruxaria nos proporciona uma possível cientificidade no pensamento Azande. Depois Marcel Mauss ao detalhar a noção do sujeito nos conduz a uma série de ramificações do “Eu”, podendo ser encontrado em vários povos. Émile Durkeim fortalece com questão da vida religiosa caracterizando o fenômeno religioso como algo eminentemente social para entender profundamente a composição do mecanismo de funcionamento dos povos primitivos. Por fim, em resumo, Lévi-Strauss com o estudo sobre o totemismo explica a relação entre o homem e a natureza; a relação entre natureza e cultura. Assim, nesta perspectiva, ele dirá que a natureza está na capacidade humana de classificar as coisas, e a cultura seria o modo como cada o faz. E, ao buscar o entendimento do pensamento mítico, o autor traz uma analogia ao *Bricolage*, a arte e ao jogo. O pensamento mítico, assim como a arte e o *Bricolage* constroem suas coisas a partir de um arsenal de signos já estabelecidos, assim, em resumo, é o conhecimento mítico, no qual Lévi-Strauss nomeou como ciência do concreto.

Neste ponto, abro para a entrada do processo criativo do artista em diálogo com a ciência do concreto, trazendo à tona as criações do compositor e multi-instrumentista Hermeto Pascoal. Em suas composições, Pascoal usa dos artifícios de vários instrumentos musicais e objetos como cano, ferramentas industriais, garrafas de vidro e sons da natureza, entre outros, para realizar o processo de criação musical. Por outro lado, quando nos deparamos com o desenvolvimento da performance-art no teatro, percebe-se um hibridismo em sua composição, onde o artista vale de toda sua experiência no campo das artes para compor sua obra, colocando várias linguagens em apenas um produto artístico, destaco para este exemplo o artística norte-americano Robert Wilson, que no meio das artes é conhecido como Bob Wilson. Deste artista vale ressaltar a criação do espetáculo performático *The Life and Times of Dave Clark* que no Brasil provocou uma série de debates sobre a explosão estética oferecida aos corpos dos atores e espaços de cena, foi ressignificado mediante as reflexões dos espectadores de outras apresentações.

Processos estes que comparo ao *Bricolage* criado por Lévi-Strauss para o entendimento do pensamento do povo primitivo. Portanto, ambas podem ser percebidas como formas de ciência, tanto o pensamento científico quanto o pensamento primitivo que aqui comparo com o processo criativo do ator, por seu uso de signos já sobreposto a ele, mesmo que esteja entrelaçados na expressão da vida religiosa/mística e social ao mesmo tempo. Por fim, trago as seguintes palavras de Lévi-Strauss (1989): *O pensamento mítico não é apenas o*

prisioneiro de fatos e de experiências[...]; ele é também liberador, pelo protesto que coloca contra a falta de sentido com o qual a ciência, em princípio, se permitiria transigir.

ASBTRACT

Abstract: This article has for ambition, dialogue the striking theories of classical authors of anthropology in answers to ambivalence of thought of “primitive people” perceived initially by Malinowisk. The author is based on the supposition that the “primitive man” believes that witchery and natural phenomena are simultaneously he subsidizing in her day-to-day. So, he isn’t only witchcraft, myth and magic; the man also asserts itself by its rationality. So you understand that the two knowledge are own of the life do “primitive people’. We will show how other main authors of anthropology intensified these supposition, for prove a rational quality in the social life and mystical of “primitive people”

KEYWORDS: anthropology classic, magic, science.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DURKHEIM, E. (1989). *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas.
- EVANS-PRITCHARD, E. E (1978). *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LÉVI-STRAUSS, C (1962). *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Papyrus.
- _____ (1982). *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes.
- MALINOWISK, B. (1984). *Magia, Ciência e Religião*. Lisboa: Edições 70.
- MAUSS, M (2003). *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de ‘eu’*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac&Nayf.